



## **A ÉTICA ANIMAL EM CLARICE LISPECTOR: DOIS CONTOS PELA VISÃO ABOLICIONISTA**

Rayssa Almeida Gaspar (PIBIC/CNPq/Uem), Evely Vânia Libanori (Orientadora), e-mail: lieveorama@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes /Maringá, PR.

**80200001**  
**80206000**

**Palavras-chave:** Clarice Lispector, Animais, Ética Animal

### **Resumo:**

A pesquisa teve como objetivo estudar o pensamento abolicionista na obra de Clarice Lispector. Por “pensamento abolicionista” estamos nos referindo ao conjunto de conhecimentos das diferentes ciências que propõem o fim da exploração dos animais não humanos e a entrada deles na esfera da Ética e do Direito. A Ética Animal possibilita a compreensão do pensamento biocêntrico e humanista expresso na obra de Clarice e que antecedeu, inclusive, à própria existência desse conjunto do saber, a Ética Animal, que surgiu no Brasil na década de oitenta. Os teóricos que embasam a interpretação da autora são os mais expressivos filósofos da Ética Animal: Peter Singer com *Libertação Animal* e Sônia T. Felipe com *Ética e Experimentação Animal*. Para se pensar a ética animal na literatura de Clarice foram-se pensados três contos da autora: *Um pintinho* e *Perdoando Deus*.

### **Introdução**

As bases da relação humana com os animais nos tempos atuais remetem ao século XVII e à visão mecanicista do filósofo René Descartes (1596-1650). Para ele, o universo poderia ser explicado segundo leis mecânicas e previamente determinadas. Descartes comparou os animais não humanos a máquinas, e os descreveu como seres destituídos de sensibilidade e de vida interior. Ele estabeleceu na posse da razão, da inteligência e da alma, o ponto de diferenciação entre seres humanos e animais. Por diversas vezes, ele usou a palavra "autômato" para se referir ao



animal. Para Descartes, seria um erro acreditar que os animais tivessem sentimentos; ele explicava que os animais não falavam por falta de emoções a exprimir, conquanto disponham de órgãos que lhes permitiriam fazê-lo. O entendimento do filósofo era o de que os animais não passavam de máquinas com sistema nervoso programado para reagir às ações físicas.

Ainda hoje há pessoas que se orientam pelo pensamento de que os animais não sentem dor ou que experimentam a dor de forma mais branda do que um ser humano. Dois filósofos discutem a ideia cartesiana de se pensar os animais. O filósofo australiano Peter Singer (1946,-) e a filósofa brasileira Sônia Felipe (1954,-). Para o filósofo, em sua obra *Libertação Animal* (1975), a posse ou não da razão é indiferente e irrelevante quando se trata de sofrimento físico. Os animais são seres sencientes como os seres humanos porque ambos experimentam as mesmas sensações físicas. Também os animais sentem o mundo com os mesmos cinco sentidos físicos. Portanto, assim como os seres humanos, os animais também apreciam a própria vida e fogem da dor e da morte. Nessa perspectiva, Singer declara: “se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para nos recusarmos a levar em conta esse sofrimento” (2004, p. 9). Segundo ele, a capacidade de sofrer e não a razão é que deve ser considerada no trato com os animais.

Sônia Felipe (1954-), filósofa brasileira, pesquisadora na área de Ética e de Ética Animal, introduz, no Brasil, a discussão acadêmica sobre a Ética Animal. Ela vê a morte e a exploração de animais não como expressão da superioridade humana sobre os animais, mas sim como o rebaixamento moral do ser humano, que se aproveita da vulnerabilidade de seres indefesos com a finalidade de usá-los como se fossem recursos descartáveis. Ela mostra a contradição moral em defender a vida e a liberdade de seres humanos e permitir que seres não humanos sejam mortos e aprisionados. Os seres humanos têm, em relação aos animais, os mesmos deveres morais que têm com as outras pessoas. A filósofa defende a ideia de que se deve abolir o direito de propriedade sobre todo tipo de vida animada senciente.

Clarice Lispector coloca o animal não humano em cena e discute a relação ser humano/animal. Muitas vezes, o animal possibilita a epifania, ou seja, o momento em que as personagens têm uma revelação sobre si. Outras vezes, ele suscita nas personagens uma identificação com a própria animalidade. Os outros seres vivos sencientes são convocados para mostrar que há um animal no animal não humano. Entre animal humano e não humano, há uma linguagem não dita, eles se comunicam, geralmente, pelo olhar.



## **Materiais e métodos**

Foram utilizados livros de Clarice Lispector, Sônia T. Felipe e Peter Singer. O método utilizado para pesquisa foi o método qualitativa, revisão bibliográfica e análise literária.

## **Resultados e Discussão**

Os animais, em Clarice, não são posse do ser humano, não são um objeto sem consciência, que não sentem, ou uma máquina, como escreveu o filósofo Descartes. Os animais, quando o ser humano menos espera, surpreendem a humanidade, quando colocam um ovo, quando piam, quando querem comer, quando sangram, quando existem como corpo e vida. Os animais estão “com” o ser humano, existindo em um pulsar semelhante, fazem parte da vida, da vida quentinha.

Em Clarice, os animais se apresentam como existência em outro *design* corporal, existência considerada curiosa pelas personagens. Uma existência distante e perto. Outro modo de existir do qual talvez nós já fomos capazes. Os animais são a presença da vida em sua essência, eles não têm carências existenciais, são plenos e completos. A relação com o outro aparece, por vezes, na relação animal humano e não humano, a exemplo do conto *Perdoando Deus*, no caso da narradora que, de repente, viu-se diante de um rato morto e isto a levou a muitas reflexões acerca da vida, de si mesma e de sua condição. A narradora conta suas reflexões durante a caminhada na beira-mar até que pisa em um enorme rato morto, e o rato aparece diante dela como um fenômeno novo que desarticula seus pensamentos. O animal neste conto é o outro aquele que faz o ser humano perceber sobre si mesmo, questionar a existência e questionar até mesmo Deus. A presença do rato morto faz com que a narradora se lance para a morte e isto a faz pensar na vida e na morte. Por vezes é necessário que o ser se lance para a morte e perceba a sua finitude para poder viver a vida de forma plena e pensar conscientemente em si e no outro. O rato morto representa a finitude da própria narradora, percebe-se então que ela se projeta nele, o vê como semelhante, que tem sangue e que morre, é finito, assim como ela.

No pequeno conto *Um pintinho* fica evidente a relação de afeto entre animal humano e animal não humano. Partindo da percepção humana, a narradora conta que um de seus filhos comprou um pintinho amarelo e demonstra sentimentos em relação à vida do animal. A personagem narradora demonstra sentimento de pena diante da vida e da fragilidade do animal, percebe que ele é um ser vivo e que sente a falta da mãe, que precisa de cuidados. Ela se enternece ao sentir a existência de uma criatura



tão efêmera, mas que, ao mesmo tempo, a tira da zona de conforto moral e faz questionar sobre o próprio existir, chegando à consciência de que é nada. E depois traz o animal para próximo do ser humano e o coloca como outro que sente e que precisa de cuidados.

## Conclusões

Conclui-se que Clarice chegou bem próximo ao que se pode chamar de pensamento animalista abolicionista, discutido pelos teóricos e filósofos Peter Singer e Sônia T. Felipe. Na obra clariceana, a relação animal humano e não humano é vista de um outro modo, não baseada na exploração animal pelo ser humano, mas sim questionando essa exploração. Para a autora, o animal não humano é um ser igual ao ser humano, capaz de despertar nas personagens, a própria consciência e a relação de semelhança no existir. O animal, na literatura de Clarice, é um igual, um ser que existe com o ser humano, e não para o ser humano. Clarice traz então em sua literatura uma visão próxima da ética e do respeito para com os animais, algo bem próximo à visão de mundo abolicionista em que se quer considerar a vida do animal como sagrada, assim como a do ser humano o é.

## Agradecimentos

Agradeço muito à minha orientadora e professora Evely Vânia Libanori, que me inspira muito, me acrescentou e ensinou enquanto aluna e pessoa não humana. Agradeço à Clarice por ter me introduzido ideias epifânicas desde a minha adolescência. Agradeço aos filósofos abolicionistas por proporcionarem materiais muito ricos acerca do assunto abolicionista.

## Referências

DESCARTES, R. **Discurso do método**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

FELIPE, S. **Ética e Experimentação Animal: fundamentos abolicionistas**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2007.

LISPECTOR, C. **De Bichos e Pessoas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SINGER, P. **Libertação animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.